

improp

12  TORRE DO TOMBO

SUPLEMENTO INFORMATIVAS

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa

JAN 74

ASSEGUREMOS UMA VERDADEIRA DEMOCRACIA. DISCUTAMOS OS NOSSOS PROBLEMAS. PROSSIGAMOS O TRABALHO!

I. - A RGA DE QUARTA FEIRA NÃO CUMPRIU INTEGRALMENTE OS SEUS FINS. VEJAMOS POR QUÊ.

Tratava-se de tomar posição face à sala A, numa altura em que se nos tornava difícil mantê-la permanentemente ocupada.

Se há 2 meses foi através do nosso trabalho de curso que nos fomos apercebendo da necessidade duma sala para o podermos desenvolver, agora, depois de tudo o que se passou -

- todos os cursos terem sentido essa necessidade; ter havido uma luta comum nesse sentido por parte de todos os estudantes da faculdade; a reacção às suspensões e às identificações ter tido um carácter geral; a recusa de aulas na sala A e a sua ocupação efectiva ter abrangido todo e qualquer curso -
- tudo indicava que qualquer posição referente a este problema e em geral em relação à Associação "teria de ser analisada em conjunto por todos os estudantes da nossa escola.

Assim foi. As comissões de curso convocaram então para quarta feira, dia 16, a R.G.A..

Mas esta reunião acabou por não tomar posição perante o problema que foi afinal o motivo da sua realização.

Não foi por acaso. Vamos procurar apresentar seguidamente as razões por que tal veio a acontecer.

Para que as reuniões não descambem numa trapalhada em que cada um diz o que entende, sem ordem nem pontos determinados em que a atenção se deve centrar, é necessário que haja uma certa preparação. São os estudantes das comissões de curso quem costuma propôr às RGAs uma ordem de trabalhos a seguir e uma perspectiva de solução para os pro

(1) de que consideramos a sala A parte integrante

blemas em causa...

Este papel pretendeu-se simultaneamente atingir com o Improp 16, distribuído dias antes na faculdade, o com uma mesa de reunião que a conduzisse de tal forma que não fosse permitido o dizer -tu-direi-eu em que a RGA veio finalmente a cair.

Uma e outra coisa falharam:

A mesa não conseguiu evitar as discussões entre um número restrito de estudantes; quanto ao Improp reconhecemos que tinha algumas deficiências.

A título de exemplo reparemos que os pontos lá apresentados não estão ordenados de modo a facilitar a sua discussão, além de fundamentarem uma proposta que em vez de reconhecer a impossibilidade de uma ocupação permanente da sala A e a possibilidade (e necessidade) de, sempre que possível a ocupar, fazendo lá reuniões de ano ou curso ou comícios, terminava de uma forma claramente derrotista a sua ocupação como "sala dos estudantes".

Esta posição que esquece ao mesmo tempo o facto do C.E., perante a nossa determinação em ocupar a sala, de ter recusado sistematicamente todas as aulas que para lá estavam marcadas, se ter visto obrigado a emanar uma nota de aparência conciliatória o chegado a mudar de lá algumas aulas, reflete uma consciência errada do que de facto se passou em parte justificável pela pouca experiência de muitos dos estudantes que trabalham actualmente nas comissões de curso. (Lembremos que no espaço de um ano foram afastados da faculdade 25 dos nossos companheiros: 13 foram incorporados, 4 expulsos e agora 9 suspensos)

A confusão que este facto veio a gerar no seio dos estudantes, a própria falta de convicção com que alguns elementos das comissões de curso defendiam

esta solução, contribuíram em muito para a ineficácia da nossa RGA.

Não negaremos portanto, a parte de culpa que nos cabe nesta questão.

Mas a explicação não pára aqui.

Dá-se o caso de ter aparecido nesta reunião um grupo de estudantes que, a pretexto de contribuir para resolver o problema em foco - a posição face à sala A - dá início à apresentação de uma infinidade de pontos, de discussão "de fundo", diziam eles.

A RGA, de reunião de confronto de opiniões com vista à tomada de uma posição, passou a ser a partir daí uma "luta de galos" totalmente ineficaz. A atitude quase generalizada dos estudantes presentes foi a de progressivamente abandonarem a sala, até ao momento em que dos 250 estudantes inicialmente presentes só restavam cerca de 80...

Todas as intervenções dos elementos deste grupo nada disseram quanto à atitude a tomar em relação à sala A. Isto é, de tanto interesse em "aprofundar" a discussão, não lhes tinha passado pela cabeça o problema que mais premente se coloca a todos os estudantes. Mas... "isso não é conosco", afirmou o "aprofundador" quando um estudante à saída lhe fez notar o problema!

Por outro lado, os colegas que defendiam a proposta apresentada no Improp 16, autocriticam-se por também não terem tomado a posição certa de defender a necessidade de discutir e aprofundar as questões mas não em abstrato para "discutir", para "aprofundar", para lançar a confusão.

O franco confronto de opiniões é a melhor garantia de optar pela solução mais correcta e deve-se aplicar a cada caso, sem parar para isso o trabalho iniciado. Foi por defendermos a necessidade desse confronto que o Improp saiu 2 dias antes da RGA... mas esta posição é bem diferente de defender que em cada reunião se discute desordenadamente tudo, se pode até dizer as mentiras que a cada um aprás.

Ora, precisamente pela confusão que reinou durante toda a reunião, achamos oportuno vir esclarecer melhor algumas das questões que foram lá levantadas e simultaneamente dar a conhecer a todos os estudantes quem são e o que têm foi

to em abono do nosso movimento os elementos do grupo que referimos.

Começemos então:

II - ESCLARECENDO ALGUMAS QUESTÕES

1. Estava em causa a sala A. Mas o problema não se limitava a saber o que fazer dela no momento actual; havia que ter em conta o sentido que pusemos na sua ocupação - o para quê e como se deve reconquistar a nossa Associação.

Sempre defendemos que a luta pela nossa AE não deve constituir para nós um fim em si. A finalidade está sim em continuar a intensificar o Movimento Associativo dentro da nossa faculdade (o que é diferente):

. É lutar pela imposição das nossas reuniões, estejam elas mais viáveis para os problemas pedagógicos ou para questões mais gerais, a toda a faculdade, a toda a academia, etc..

. É defender a todo o preço a possibilidade de nos informarmos sobre o que se passa à nossa volta.

. É enfim, poder avançar e tomar posições justas cada vez mais conscientes.

É isso que nos interessa conquistar a todo o custo. Na medida em que a Associação (a parte que nos roubaram, isto é, as salas e o aparelho técnico) é um instrumento útil para mais facilmente levarmos a cabo o que nos propomos, lutamos por ela adoptando para isso as formas de luta mais adequadas a cada situação.

Desde 71 que o temos feito.

Em Maio desse ano fecharam-nos a Associação. Foram 1000 os estudantes que em RGA se decidiram pelo boicote a exames.

No decorrer do ano seguinte, não páramos de conquistar margem para a nossa actividade:

Apesar das autoridades tudo terem feito para nós tentar enfraquecer, mostrámos claramente que não ficaríamos submissos e inactivos perante as arbitrariedades nas aulas, a limitação à divulgação da nossa informação, a proibição de nos reunirmos.

E conseguimos!

Em Abril de 72, quando o director Almeida Costa, incapaz de travar a nossa luta, impotente para desmantelar a nossa organização nos cursos, chama para junto de si e dos seus apaniguados do C.E. a gorilada, são centenas os estudantes que os enfrentam, que pegam em pedras e expulsam esses bufos da faculdade.

Também em 73 quando achámos que para o bom funcionamento da nossa actividade, nos era útil a posse de uma sala, não nos limitámos a afirmá-lo, nem a mendigámo-la; fomos por diante e conquistámo-la. As comissões de curso, depois de estudarem elas próprias o assunto, levaram a discussão aos cursos, auxiliando-se de múltiplos jornais de curso e finalmente a sala foi ocupada. Foram algumas centenas de estudantes que regularmente por lá passaram e a utilizaram.

Qual era pois a intenção do grupo que atrás referimos ao afirmar que nada havia sido feito para reconquistar a Associação e que nunca tínhamos sabido "mobilizar as massas" em torno desse questão?

Não há muito que duvidar quanto à resposta. Certamente que não foi por ignorância do que se tem passado de há 3 anos para cá. Não! Como um deles chegou a afirmar, são "velhos", frequentam a nossa escola há mais tempo que esse.

E se é certo que nunca ninguém os costuma avistar (salvo raras mas "honrosas" excepções, que referiremos mais adiante) onde estão os estudantes, reunindo e lutando com eles, enfrentando juntos professores, directores, ou gorilas... isso é uma outra questão (que até talvez conviesse, essa sim, "aprofundar").

A razão só pode ser uma: havia que malarhar a assembleia ali reunida. Era-lhes necessário fazer-se passar pelos grandes defensores dos estudantes, corajosos combatentes no seio das massas (mas onde é que eles têm andado?!...) e tornava-se-lhes imprescindível, para tanto, deturpar toda a actuação daquelas que, desde há 3 anos, sempre se têm colocado junto dos cursos, lutando com os seus companheiros, pondo-se sem hesitação à frente das lutas.

Lembremos mais uma vez: houve 13 colegas incorporados, 4 expulsões e ultimamente mais 9 suspensões. Onde estavam metidos nessa altura os nossos "velhos" que ninguém lhes pôs a vista em cima?

2. Uma 2ª questão levantada foi a das incorporações forçadas de alguns estudantes, causadas na sua maioria por estes terem participado na acção anti-colonial da capela do Rato. Dias depois de terem saído os seus nomes nos editais soube-se que tinham sido desincorporados.

Conclusão imediata tirada pela nossa colega: tinha sido a luta do dia 15 (dia das incorporações) que fizera recuar o governo na sua política repressiva!!

Como fosse por demais descarado afirmar tal barbaridade, corrigiu de seguida. Não, afinal teriam sido as últimas lutas estudantis que teriam provocado o recuo das autoridades.

Pensemos bem, primeiro, nesta "emenda" apresentada pela nossa colega: segundo o que se pode retirar das suas palavras o governo só depois de ter feito sair as listas negras se teria recordado das lutas anteriores, pelo que rapidamente as teria retirado.

Será que pode existir alguma lógica nesta análise da situação?

Só mesmo deles.

Mas vejamos agora a primeira afirmação que afinal não fica muito aquém da "emenda" que se lhe seguiu:

Com que "lata", perguntamos, alguém há que "ouse" afirmar que pode ser a luta dos estudantes durante um dia que fará recuar a repressão actualmente? Quando é que um governo que não hesita em assassinar, lembremos o que sucedeu em 12 de Outubro de 72, em invadir com as suas tropas mercenárias as faculdades, que prende e tortura inúmeros estudantes (isto só para referir o aspecto estudantil da luta mais geral do povo português), vai agora recuar, atemorizado com a luta que se desenvolve num só dia?

Cabe-nos lutar, sim. Reagir, mostrar bem claro que não permitiremos, inactivos e "ordeiros", todas as atrocidades que as autoridades sempre têm cometido.

Mas reagir com a consciência que não existem vitórias fáceis!

Quando em 72, logo após o assassinato de Ribeiro Santos, e no decorrer das lutas que se lhe seguiram, 13 dos nossos colegas de Ciências foram incorporados, a luta prosseguiu. Apesar da verdadeira brecha que esta medida veio abrir no nosso movimento, a juntar a 52 suspensões e permanentes invasões policiais, soubemos reagir-nos de forma a novamente estarmos aptos a combater intransigentemente as arbitrariedades das autoridades.

A luta não foi de 1 dia. Foi longa e difícil. Praticamente em todas as outras faculdades o apoio resultou em nada, pelos diversos condicionalismos em que se encontravam (direcções reformistas, outras incapazes de mobilizar quem quer que fosse, como a de Direito, etc, etc)

Pena é que aqueles que agora falseiam os acontecimentos, dando a entender que nada se fez face a essa medida governamental, nada tenham feito, eles sim, nessa altura.

Quem vêm agora recriminar?

Pela nossa parte só podemos entender essa sua "acusação" como uma auto-crítica. E mais nada.

3. Uma última questão para terminar.

Mais uma vez este grupo de estudantes veio caluniar a direcção de Ciências, afirmando que em Maio de 72 ela teria impedido estudantes de se incorporarem numa manifestação, aconselhando-os a manifestar-se dentro da escola.

A resposta a esta questão já lhes foi dada num meeting federativo e através da Informação Associativa 3. Mas a nossa colega não desiste. Não vamos aqui repôr tudo o que dissemos sobre esta questão, mas sintetizemos:

É uma descarada mentira o que a colega afirma. Nunca a direcção de Ciências se pronunciou sobre a participação ou não participação dos estudantes em manifestações; porque o assunto está fora do âmbito associativo e já defendeu por várias vezes publicamente esta opinião. Em particular em Janeiro de 71, na sequência de um Plenário em Ci-

TORRE
TOMBO

ências, dirigentes associativos do Técnico (cujo presidente era na altura J. Vieira Lopes) de megafone em punho aconselhavam a dispersão, e faziam cordões para impedir que os estudantes arrancassem dali em manifestação. A direcção de Ciências foi a única que tomou na altura a iniciativa de criticar veementemente perante os estudantes, o oportunismo descarado desta posição.

Nessa altura ninguém mais a apoiou, e a colega e os seus amigos (que como ela disse, já andavam por Ciências) esses, nem mecheram.

Daí para cá (passando por Maio 72) a posição que a direcção defendeu quanto a este assunto foi idêntica.

Significativo é o facto de só agora este grupo "ousar" levantar esta calúnia dentro de Ciências. Agora que os colaboradores e dirigentes da altura, incorporados, expulsos ou suspensos, não estão ali presentes para rebater as suas afirmações, "por acaso" agora é que se lembram de levantar a voz.

Curioso, não?

Quando na RGA se lhes lembrou que a questão já tinha sido respondida em meeting federativo e que na altura ela tinha "entupido", ela verificando tratava-se dum estudante novo na faculdade, informou só accitar réplica de quem tivesse presenciado os acontecimentos de 72. Esperava concerteza (esperaria?) que alguns dos que foram forçadamente afastados do convívio dos estudantes caíssem ali para lho provar!...

4. Apresentadas as questões levantadas na RGA pouco mais será preciso dizer. Apenas uma referência à "história" desses nossos velhos colegas.

Durante 3 anos praticamente, e como já foi dito, não foram vistos lutando com os estudantes, colaborando com eles na actividade associativa na nossa escola.

Mas houve três vezes em que esta regra falhou. Vejamos pois:

1ª vez - A Direcção perseguida pela Pi de depois do encerramento da Associação, vê-se obrigada a manter-se afastada durante as férias e até ao mês de Dezembro.

Direcção perseguida, gente mais experiente afastada, eis que des pontam no movimento estes nossos "rebentos". Já nessa altura procuram atrasar, desprestigiar a linha de trabalho seguida, mas os colaboradores vão ganhando experiência em conhecê-los e combatem-nos. Chega a direcção. E logo os nossos colegas voltam a não ser vistos.

2.^a vez - ... para reaparecer após as suspensões, as prisões, as incorporações nos finais do ano de 72. Criticam tudo e todos embora não trabalhem (isso "não deve ser com eles"...). Mas quem os viu durante a luta aberta que Ciências (e poucas mais escolas) desenvolveram na altura? Dão-se alvíssaras...

3.^a vez - Agora. Agora que a situação está agravada por mais 9 suspensões, que a grande parte dos elementos das Comissões de Curso não teve oportunidade de presenciar todas as suas anteriores "brascas" e assim os desmascarar mais facilmente...

Não restam dúvidas. Há pessoas que são como os abutres.

Mas Sabermos manter-nos vigilantes em relação a quem se procura fazer passar por amigo, mas que nunca nos acompanha quando lutamos.

HÁ QUE PROSSEGUIR !

Quando lembramos a nossa experiência anterior fazê-mo-lo com um só fito: tirarmos dela os ensinamentos que nos permitam prosseguir decididamente na luta, corrigindo os erros cometidos.

E uma coisa é certa: Nós, estudantes de Ciências, que temos vencido sucessivamente os obstáculos que se nos depa-
raram não abdicando para isso de discutir em cada situação COMO e PARA QUE continuar, Também agora não hesitaremos em continuar da discussão à acção, a assegurar uma verdadeira democracia, a impedir todas as tentativas de aniquilação do nosso Movimento.

TORRE
TOMBO

Actualmente, a única forma de avançarmos de facto é participarmos cada vez em maior numero nas discussões e no trabalho, não permitindo o isolamento e individualização de alguns.

A R.G.A. do início do próximo semestre, tal como as discussões que a devem anteceder serão um marco importante no nosso trabalho.

PELA RESOLUÇÃO COLECTIVA DOS NOSSOS PROBLEMAS !

PELA IMPOSIÇÃO NA PRÁTICA DO NOSSO DIREITO DE DISCUSSÃO E REUNIÃO !

PELA EXISTÊNCIA DUMA INFORMAÇÃO CORRECTA DENTRO DA FACULDADE ; CONTRA A CENSURA DO GOVERNO !

PELO APOIO EFECTIVO AOS NOSSOS COLEGAS EM LUTA !

LUTEMOS POR UMA VERDADEIRA ASSOCIAÇÃO !